

OSCAR WILDE

O MODELO MILIONÁRIO

FREE BOOKS



OSCAR WILDE

O MODELO MILIONÁRIO

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL – CLÁSSICOS ESTRANGEIROS

Título: O MODELO MILIONÁRIO.

Autor: Oscar Wilde (1854 – 1900).

Tradução: Autor desconhecido de meados do séc. XX. Conto publicado originalmente na revista “A Cigarra”, edição nº 191, de fevereiro de 1950. Atualizou-se a ortografia e fizeram-se pequenas adaptações textuais.

Imagem da capa: Ilya Yefímovich Repin (1844 – 1930).

Leiaute da capa: Canva.

Série: Clássicos Estrangeiros – vol. 28.

Editor: Free Books Editora Virtual.

Site: www.freebookseditora.com

Direitos da obra e da tradução: Original e tradução de domínio público (art.41, caput e art. 45, II, de 19 de fevereiro de 1998).

Direitos da adaptação textual: © Paulo Soriano. Proibida a reprodução sem autorização prévia e expressa do editor.

Ano: 2017.

Sites recomendados:

www.triumviratus.net, www.contosdeterror.com.br

Sumário

[O MODELO MILIONÁRIO](#)

[SOBRE O AUTOR](#)

O MODELO MILIONÁRIO

Quando não se tem dinheiro, não adianta ser encantador. A arte de viver é um privilégio dos ricos, e não uma profissão para quem não possui um emprego. Mais vale ter boa renda do que ser encantador. Tais são os axiomas da vida moderna, com os quais Hughie Erskine nunca se conformou.

Pode Hughie! Do ponto de vista intelectual, é forçoso reconhecer que não era um fenômeno. Por outro lado, a sua vida não fora assinalada por nenhum efeito notável. Entretanto, seu cabelo ondedo, seu perfil artisticamente desenhado e seus olhos cinzentos tornavam-no singularmente sedutor. Era tão bem recebido no meio masculino quanto no feminino. Possuía talento para tudo, menos para enriquecer.

O pai lhe deixara, como única herança, sua espada de cavaleiro e uma “História da Guerra na Península”, em quinze volumes. Hughie pendurou a primeira sobre o espelho e alinhou a segunda na estante, entre o “Guia de Hipismo”, de Ruff, e o “Magazine”, de Bailay. Vivia da mesada anual de duzentas libras, que uma velha tia lhe dava.

Tentou tudo. Jogou na Bolsa durante seis meses, mas, o que pode a mariposa entre touros e usos? Dedicou-se ao comércio de chá e, embora tivesse demorado mais neste negócio, acabou por aborrecer-se do “pekoe” e do “souchong”.

Depois, tentou vender vinhos secos. Também fracassou. O vinho era demasiadamente seco. Por fim, dedicou-se... bem, não se dedicou a coisa alguma. Ficou sendo menino bonito que não serve para nada, sempre com o seu perfil artístico e sempre desocupado. Para aumentar o seu infortúnio, apaixonou-se.

A pequena que ele amava chamava-se Laura Merton. Seu pai era coronel reformado que perdera toda a paciência e suas faculdades digestivas na Índia, sem jamais conseguir recuperá-las.

Laura adorava Hughie e este lhe beijaria até a sola dos sapatos. Era o mais belo par de Londres, embora não possuíssem juntos um guinéu. O coronel sentia por Hughie grande afeição, mas, de casamento, não queria ouvir falar.

— Meu filho — dizia muitas vezes —, venha falar comigo quando tiver umas dez mil libras garantidas. Então nos entenderemos.

Hughie exasperava-se e só a companhia de Laura o fazia acalmar. Certa manhã, quando se dirigia a Holland Park, que era onde residiam os Merton, lembrou-se de fazer uma visita ao grande amigo Alan Trevor.

Trevor era pintor. Ultimamente, poucos escapam a esta inclinação. Mas ele era, acima de tudo, um artista, e pintores artistas há poucos.

A julgar pelas aparências, Alan era pessoa rara, selvagem, um rosto cheio de sardas, uma barba avermelhada e hirsuta. Mas era um verdadeiro mestre do pincel e seus quadros eram disputadíssimos. Sentiu, desde logo, verdadeira amizade por Hughie e, diga-se de passagem, somente pelo seu encanto pessoal.

— As únicas pessoas que um pintor deveria conhecer — costumava dizer — são as belas e despreocupadas, essas cuja contemplação produz um prazer artístico e cuja conversação proporciona repouso intelectual. Os homens dândis e as mulheres faceiras: eis os seres que governam o mundo ou, pelo menos, deviam governá-lo.

Mas, à medida que foi conhecendo Hughie mais a fundo, foi aumentando a sua admiração, e acabou por estimá-lo: tanto por sua animação e bom-humor, como pelo seu caráter excessivamente generoso. E concedeu-lhe livre entrada, a qualquer hora, em seu estúdio.

Naquele dia, Hughie encontrou Trevor dando os últimos retoques a um soberbo quadro que representava um mendigo em tamanho natural. O mendigo em pessoa servia de modelo, sobre uma plataforma, a um canto do estúdio. Era um velho cheio de rugas, cujo rosto parecia de pergaminho amarrotado, e com uma expressão comovente. Tinha sobre os ombros uma capa de tecido ordinário, escuro, cheia de buracos e remendos; suas botas grosseiras estavam também remendadas. Com uma das mãos, apoiava-se a um pau, e, com a outra, estendia o que antes fora um chapéu, em atitude de esmola.

— Modelo magnífico! — disse Hughie em voz baixa, enquanto apertava a mão do amigo.

— Magnífico, sim! — exclamou Trevor, em voz alta. — Não se encontram todos os dias mendigos como este! Um achado, meu amigo, um Velázquez em carne e osso! Que quadro teria feito Rembrandt com ele, santo Deus!

— Pobre velho! — disse Hughie. — Que aspecto infeliz ele tem! Suponho que, para vocês pintores, o rosto deve estar de acordo com a fortuna...

— Realmente — disse Trevor. — Você não vai querer que um mendigo tenha uma aparência alegre.

— Quanto ganha um modelo por cada sessão? — perguntou Hughie, depois de acomodar-se em um divã.

— Um xelim por hora.

— E quando você receberá por este quadro, Alan?

— Por este me pagarão, no mínimo, 2.000.

— Libras?

— Não, guinéus. Os pintores, os poetas e os médicos contam sempre em guinéus.

— Pois bem, acho que o modelo deveria ter uma percentagem — replicou Hughie, rindo. — Porque trabalha tanto quanto você.

— Isso não. Só o incômodo de espalhar as tintas e ficar de pé, com um pincel na mão, é incalculável. Você fala por falar, Hughie, mas ocasiões há em que a arte se equipara a um trabalho manual qualquer. Enfim, deixemos isso! Apanhe um cigarro e fique quieto!

Minutos depois, entrou o criado para dizer a Trevor que o fabricante de molduras desejava falar-lhe.

— Espere um pouco, Hughie — disse o pintor, ao afastar-se. — Voltarei já.

O velho mendigo aproveitou a ausência do pintor para descansar um pouco. Tinha um aspecto tão abatido e miserável que Hughie não pôde deixar de compadecer-se e apalpou os bolsos para verificar quanto tinha. Não encontrou mais que um soberano e algumas moedas de cobre.

— Coitado do velho! — disse intimamente. — Precisa mais do que eu. Vou passar uns quinze dias sem poder alugar um coche.

E, cruzando o estúdio, colocou o soberano na mão do mendigo. O velho estremeceu. Depois, um leve sorriso bailou-lhe nos lábios secos.

— Obrigado, cavalheiro. Muito obrigado — disse.

Quando Trevor voltou, Hughie se despediu, inquieto com o que fizera. Passou todo o dia com Laura, que o descompôs por sua prodigalidade, e teve que

voltar a pé. Naquela noite foi ao Clube dos Artistas, lá pelas onze horas, encontrando Trevor sozinho, no salão de fumar, tomando vinho com água de Seltz.

— Então, Alan? — disse, acendendo um cigarro. — Terminou a seu gosto o quadro?

— Terminei e já o coloquei na moldura — respondeu Trevor. — A propósito, você fez uma conquista: o velho modelo, que hoje conheceu, está encantado com você. Não tive outro remédio senão falar a seu respeito e contar tudo... quem é, a sua renda, os projetos que tem para o futuro.

— Meu caro Alan — replicou Hughie —, estou certo de que vou encontrá-lo aguardando em minha porta quando voltar para casa. Falo gracejando. Coitado do bom homem! Quisera poder ajudá-lo. É horrível a pobreza. Tenho tanta roupa velha em casa! Você acha que ele precisa? Parece-me que sim, pois ele estava coberto em andrajos.

— Mas assentavam-lhe admiravelmente! — disse Trevor. — Eu nunca o teria pintado de fraque. Ao que você chama andrajos, eu chamo motivo pictórico; ao que parece miséria, eu chamo sabor local. Contudo, far-lh-ei a sua oferta.

— Alan — disse Hughie em tom sério —, vocês pintores não têm coração.

— O artista tem o coração na cabeça — replicou Trevor. — Além disso, nossa missão consiste em ver o mundo tal qual ele é, e não o refazer na forma por que o conhecemos. Cada qual no seu ofício. Agora, dê-me notícias de Laura. O mendigo também se interessou vivamente por ela.

— Não me vai dizer que lhe falou de minha noiva! — disse-lhe Hughie.

— Falei, sim. Ele já sabe de tudo: do coronel inflexível, da encantadora Laura e das dez mil libras.

— Com que então você contou a minha vida particular a esse velho mendigo! — exclamou Hughie, ruborizando-se.

— Meu amigo — retrucou Trevor, sorridente —, esse velho mendigo, como o tem chamado, é um dos homens mais ricos da Europa. Poderia comprar, amanhã, Londres inteira, sem gastar metade da sua fortuna. Possui uma casa em cada capital. Come em pratos de ouro e se achar que a Rússia não deve lutar mais, poderá impedi-lo.

— O que está dizendo? —articulou Hughie.

— Não exagero nada —proseguiu Trevor. — O velho que você viu hoje em meu estúdio é o Barão Hausberg. É um dos meus melhores amigos. Compra todos os meus quadros e muitos mais ainda. Há algum tempo, pediu-me que o pintasse em trajes de mendigo. O que você quer? Caprichos de um milionário. Mas você deve reconhecer que ele ficava magnífico em seus farrapos. Ou melhor, em meus farrapos. É um traje antigo que comprei na Espanha.

—O Barão Hausberg, meu Deus! —exclamou Hughie. — E eu que lhe dei um soberano! — E deixou-se cair num sofá, cheio de desalento.

—Deu-lhe um soberano! —gritou Trevor, desatando a rir. — Pois não voltará a ver essa moeda, meu amigo. O negócio do Barão é justamente o dinheiro dos outros.

— Acho que você, Alan, deveria ter-me avisado — disse Hughie, de mau humor —, em vez de deixar que eu cometesse uma loucura tão ridícula.

—Vamos, Hughie — disse Trevor. — Não me poderia ocorrer que você fosse distribuir esmolas dessa maneira extravagante. Que beijasse uma modelo bonita, vá lá! Mas, que desse um soberano a um modelo de fealdade, é incrível! Além disso, naquele dia, a minha porta estava fechada para todo mundo. Quando você chegou, fiquei sem saber se Hausberg gostaria de dar-se a conhecer. Como viu, ele não estava em traje de gala.

— Estou certo de que me tomou por um homem astucioso.

— Nada disso! Quando você se foi, ele estava encantado. Não deixava de murmurar e esfregar as mãos enrugadas. Fiquei cismando por que insistia tanto em saber de sua vida, e não cheguei a compreender. Mas, agora, vejo tudo claro. Ele vai creditar esse soberano na sua conta corrente, Hughie. E a cada semestre lhe remeterá os juros. Assim terá uma história magnífica para contar aos seus herdeiros.

— Sou um idiota —resmungou Hughie. — E o melhor que posso fazer é ir deitar-me. Quanto a você, caro Alan, suplico que não conte nada a ninguém. Não voltarei a passear em lugares públicos.

— Que bobagem! O que você fez honra o seu espírito filantrópico, Hughie. Não vá embora ainda. Tome outro cigarro e fale-me de Laura.

Mas Hughie não quis ficar. Voltou a pé, sentindo-se acabrunhado, e deixou

Alan com um ataque de riso.

Na manhã seguinte, enquanto almoçava, o criado entregou-lhe um cartão com os seguintes dizeres: “Monsieur Gustave Naudin, *de la part de M. le Baron Hausberg.*”

“Naturalmente vem pedir-me explicações”, pensou Hughie. E ordenou ao criado que fizesse entrar o cavalheiro. Entrou um senhor de idade, de óculos com aros de ouro e cabelos grisalhos, e disse, com um leve acento francês:

— É ao Sr. Hughie Erskine que tenho a honra de falar?

Hughie fez uma reverência.

— Venho da parte do Barão de Hausberg — respondeu. — O senhor barão...

— Rogo-lhe, cavalheiro, que apresente ao barão as minhas sinceras desculpas — balbuciou Hughie.

— O senhor barão — prosseguiu o visitante — encarregou-me de entregar esta carta a V.Sa. — E estendeu-lhe uma carta lacrada.

Na sobrecarta estava escrito o seguinte: “Presente de casamento a Hughie Erskine e Laura Merton, por um velho mendigo.”

Dentro, havia um cheque de dez mil libras.

Quando se celebrou o casamento, Alan foi uma das testemunhas e o barão pronunciou o discurso no almoço nupcial.

— Modelos milionários — observou Alan — já é uma coisa raríssima, mas, por Júpiter, milionários modelos é algo muito mais raro ainda.

SOBRE O AUTOR

O irlandês **Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde** (1854 — 1900) é um dos maiores nomes da literatura em língua inglesa do século XIX. Sobretudo conhecido por suas obras teatrais, dentre as quais se destaca a tragédia “Salomé”, e pelo célebre romance “O Retrato de Dorian Gray”, dedicou-se, também, à poesia e à narrativa curta. “O Modelo Milionário” integra a coletânea “O Crime de Lord Arthur Savile e Outras Histórias”, publicada originalmente em 1891.